

# A Construção da Imagem do Outro: Romanos e Germanos nas Fronteiras do Império; uma Análise da *Germânia* de Tácito

Ana Teresa Marques Gonçalves

## Résumé

*Le but de ce travail est de réfléchir sur les relations sociales, économiques et culturelles faites entre les romains et les peuples germains, sociétés dites barbares, aux frontières de l'Empire Romain. Cette réflexion aura comme base l'oeuvre Germania de Tacite.*

Tácito inicia a sua obra, intitulada *Germânia* ou *Origens e Nação dos Germanos*, lembrando-nos de que havia pouco tempo que os romanos tinham travado conhecimento dos habitantes e dos reis germânicos, e que foi a guerra quem os revelou (TÁCITO. *Germânia* I). Assim, a imagem que os romanos construíram dos vários povos que ocupavam a região germânica estava intrinsecamente marcada pelas relações bélicas e comerciais que desde os primórdios caracterizaram este relacionamento.

Autores, como Agostinho da Silva (1974: 12), vêem a *Germânia* como um tratado de etnografia e história, no qual se comparam os costumes da Roma contemporânea a Tácito com os dos germanos, vistos como bárbaros. É considerada uma obra menor (junto com o *Diálogo dos Oradores* e a *Vida de Agrícola*), se comparada com as *Histórias* e os *Anais*, mas veremos como a *Germânia*, composta provavelmente em 98, segue os mesmos princípios que nortearam a produção destas duas obras. Tácito documentou quanto lhe foi possível o seu trabalho, recolhendo todas as notícias de César, a quem cita (TÁCITO. *Germânia* XXVIII), de Plínio, o Velho, de viajantes, de seu sogro Agrícola, e talvez mesmo de sua própria experiência, já que provavelmente era natural da Gália Narbonense, região relativamente próxima a Germânia, e também possivelmente foi governador da Gália Belga de 89 a 93 (CAMPOS, 1946: 38).

Públio Cornélio Tácito nasceu por volta de 56, tendo atingido o *status* senatorial no tempo de Vespasiano. Foi questor em 81 e 82, governador da Bretanha sob Domiciano, Pretor em 88, *Consul Suffectus* em 97 e Pro-cônsul da Ásia entre 112 e 116, morrendo por volta de 120, durante o governo de Adriano. Presenciou em plena carreira pública formas e estilos de governo tão diversos do ponto de vista senatorial, como o de Domiciano e o de Trajano.

Os povos germânicos se impõem ao olhar romano a partir do século I a.C., com a ocorrência das incursões de Druso (12 a.C.) em seu território, se aproveitando das divisões internas existentes entre os vários grupos que procuravam chefiar estes povos. O próprio Tácito (*Germânia* XXXIII) comenta em sua obra como esta divisão interna no poder dos germanos facilitou a entrada romana em seus domínios:

*"Junto dos tenteros havia em outro tempo os bructeros; diz-se que imigraram agora os camavos e os angrivários, depois de repellidos os bructeros e de quase aniquilados com o consentimento das nações vizinhas, ou por ódio da soberba deles, ou pela atração da presa, ou por favor dos deuses a nós outros: de fato, nem sequer nos roubaram o espetáculo da luta. Morreram mais de sessenta mil, não por dardos e armas dos romanos, mas para gosto de nossos olhares, o que ainda é mais admirável. Oxalá continuem estes povos, se obstinem, senão em nos amar, pelo menos em se odiar mutuamente, já que, ao se apertarem os fados do Império, não pode a sorte oferecer maior favor do que a discórdia do inimigo."*

Também, como conta Tácito (*Ibid.* XXXVII), os germanos deveriam sempre ser observados, pois a sua *libertas* costumava incitá-los a ações beligerantes contra aqueles que pareciam ameaçá-la:

*"Roma contava seiscentos e quarenta anos de existência quando ouviu, pela primeira vez, retinir as armas dos cimbrós (...). Calculando o tempo que vai desde essa época até o segundo consulado de Trajano, verifica-se que decorreram cerca de duzentos e dez anos. (...) Nunca os samnitas, os cartagineses, a Hispânia e as Gálias, nem mesmo os partos nos deram mais freqüentes lições: é que o regime livre dos germanos é bem mais de temer do que a tirania dum Arsácio."*

Em 5, os marcomanos foram quase aniquilados pela ação de tropas romanas enviadas por Tibério. Tal feito levou vários outros povos germânicos, que ocupavam regiões próximas ao *limes*, a fazerem pactos de fidelidade ou amizade com os romanos. A relação diplomática com os vizinhos das fronteiras sempre foi parte integrante da política romana na região. Vários chefes germanos serviram no exército romano e o *ius commercii*

sempre fez parte do relacionamento desenvolvido com os povos localizados mais próximos da fronteira do Reno-Danúbio. Neste momento, portanto, os pactos mais comuns acertados entre romanos e germanos eram os de *amicitia*, muito mais informais e extra-legais do que um *foedus* (PITTS, 1989: 54). Por este pacto, Roma não ocupava os territórios, mas através da ação de *negotiatores*, passava a interferir abertamente na escolha dos chefes germanos, apoiando uma ou outra facção em disputa pelo poder:

*"Até os nossos dias, os marcomanos e os quados tinham tido sempre reis que vinham de seu próprio seio (...), agora, suportam mesmo senhores estrangeiros, mas a força e a autoridade destes reis vêem-lhes da proteção de Roma. Contudo, raramente os auxiliamos com os nossos soldados, e menos ainda com o nosso ouro, e nem por isso são menos poderosos" (Ibid. XLIV).*

Interessante notar que a partir do final do século II esta situação se inverteu por completo. Durante a guerra civil que se instalou no Império em 193, em que quatro homens denominados imperadores por forças sociais diversas lutaram pelo comando imperial único (Dídio Juliano, Pescênio Nigro, Septímio Severo e, posteriormente, Clódio Albino), o apoio desses chefes germanos a estas facções romanas em luta foi procurado de forma intensa. Septímio Severo subiu ao poder contando com o suporte das províncias danubianas e com o apoio de alguns chefes germanos.

Os romanos também introduziram o uso da cunhagem de moedas nestas terras germânicas, como conta Tácito (Ibid. V):

*"Contudo, os que habitam mais próximos de nós apreciam para as transações comerciais o emprego do ouro e da prata e conhecem certos tipos da nossa moeda, aos quais dão a sua preferência; os povos do interior, mais fiéis à antiga simplicidade, traficam por meio de trocas"*

Com a morte de Nero (69), as lutas pelo trono desencadearam uma onda de levantes na província da Germânia Superior e mesmo na Germânia Interior, modificando bastante a relação até então estabelecida entre Roma e os germanos. Soldados romanos se viram expostos a emboscadas, a assédios prolongados e a aniquilamentos por parte dos germanos. A situação só se acalmou no governo de Vespasiano, que construiu uma rota militar na região reno-danubiana:

*"Depois veio um período de calma até o momento em que os germanos, graças às nossas discórdias e às nossas guerras civis, forçaram os acampamentos das legiões e até sobre as Gálias ergueram pretensões. De novo foram repelidos e, nestes últimos tempos, mais tem havido cortejos de triunfo que vitórias." (Ibid. XXXVII)*

Esta obra foi seguida por Domiciano, que fez as primeiras construções de fortes e torres de observação no *limes*. De fato, o *limes* em sua forma definitiva somente pôde garantir uma certa situação de paz moderada com os germanos durante três gerações, pois, no início do século III, os germanos já haviam atravessado amplamente este *limes* (MILLAR, 1988: 277-278).

Segundo Benjamin Isaac, desde as obras de Mommsen, escritas no século XIX, aceita-se que o termo *limes* se refira a um sistema de defesa ao longo das fronteiras do Império, montado a partir do século I. O termo indicaria uma permanente estrutura militar e administrativa para garantir a não invasão das fronteiras consolidadas, que incluiria a construção de fortes, a formação de legiões fronteiriças próprias e da garantia de bases alimentares para estas tropas. Em seu texto *The Meaning of the Terms Limes and Limitanei* (ISAAC, 1980: 125-147), Isaac demonstra, por meio de farta e ampla documentação, que na República e no início do Império, os termos para fronteira que aparecem nas obras literárias são *finis* e *termini*; o termo *limes* indicava estradas militares construídas com dinheiro público para a movimentação das tropas. Só a partir do segundo século é que o termo *limes* passou a significar a zona onde se construíram muralhas, fortes ou postos de observação. Tanto que passou a aparecer um termo específico para zonas de fronteira delimitadas por rios: *ripa*. Assim, *limes* foi entendido neste momento como local onde existiam estruturas militares construídas. Somente no final do século III e início do IV, mais precisamente a partir dos governos de Diocleciano e Constantino, é que a palavra *limes* passou a significar uma política administrativa formal para as fronteiras a ser posta em prática por um comandante militar, o *dux*. Foi neste momento também que apareceu o termo *limitanei*, significando as tropas que serviriam especificamente nas fronteiras, protegendo-as das invasões bárbaras, cada vez mais fortes e freqüentes.

Se pode considerar, desta forma, um período de consolidação aquele que se seguiu à construção do *limes*. Quando Tácito escreve sua obra, isto é, no final da época dos Flávios e no início da dinastia dos Antoninos, Roma continuava influenciando muito o modo de viver dos povos germanos próximos a este *limes*, ou seja, a esta área militarmente construída. Pode-se considerar esta obra de Tácito como uma codificação da situação deste momento de paz relativa. Ainda que esta obra se baseie em parte em antigos relatos, nela também foi empregado material contemporâneo. Fica claro em sua narrativa a grande influência que a cultura romana exercia sobre os modos dos germanos:

*"Os próprios úbios, embora tenham merecido a honra de se tornarem colônia romana (...), numa época já longínqua, atravessaram o Reno e, posta a prova a sua fidelidade, foram instalados na margem como defensores e não como suspeitos." (Ibid. XXVIII)*

*"Mas nada os envaidece tanto como os presentes que lhes são enviados de países vizinhos, não só por particulares mas até em nome de Estados (...); depois de certa época, ensinamo-los até a receberem dinheiro." (Ibid. XV)*

*"Vestem-se também com peles de animais. Os mais próximos dos rios sem qualquer requinte, os que habitam o interior das terras com mais cuidado, como pessoas que não têm relações comerciais que lhes possam fornecer outros enfeites." (Ibid. XVII)*

*"A bebida deles é um licor extraído da cevada e do trigo (...). Os que habitam mais próximos das vias fluviais compram também vinho." (Ibid. XXIII)*

*"Mais perto da nossa fronteira (...) encontram-se os hermúduros, população totalmente dedicada aos romanos; por isso são eles de todos os germanos os únicos a quem foi concedido amplamente o direito de comerciar, não só na margem do rio, mas até o coração do Império e na colônia mais florescente da província rética. Passam sem serem vigiados por onde lhes agrada, e ao passo que só mostramos aos outros povos os nossos acampamentos e as nossas armas, abrimos largamente aos hermúduros os nossos palácios e as nossas casas de campo (...)" (Ibid. XLI)*

*"[Os batávios] Conservaram um honroso privilégio, e sinal distintivo de sua antiga aliança: não estão sujeitos a impostos humilhantes, e os publicanos não os exploram; isentos de encargos anuais e de requisições suplementares, são utilizados unicamente nos campos de batalha e, tal como as armas de ataque e defesa, são guardados em reserva para guerra. Os matitas estão para conosco nas mesmas condições de subordinação; porque a grandeza do povo romano estendeu até para lá do Reno, até para lá das suas antigas fronteiras, o respeito pelo seu poderio." (Ibid. XXIX)*

Assim, Tácito reforça a ideologia romana de que os povos das fronteiras só têm a ganhar com o contato com a civilização romana. Roma conseguia influenciar principalmente a nobreza dos povos mais próximos do *limes*, de acordo com Fergus Millar (1988: 282-283). Por vezes, valia a pena se aliar aos romanos para fugir dos tributos que eram cobrados por povos germanos mais fortes, como destaca Tácito (*Ibid.* XLIII), a respeito dos cóticos que pagavam pesados tributos aos sármatos antes de se aliarem aos romanos. Além disso, os romanos estimulavam a criação de um setor de pessoas dependentes e de um séquito de homens livres em torno dos chefes, pois estes eram sinais de civilização que poderiam fomentar o

afastamento dos germanos do estado de barbárie, no qual os romanos os viam incluídos. Segundo Tácito (*Ibid.* XXIV): “É uma honra e uma força estar sempre rodeado por um grupo de jovens que servem como escolta; na paz é uma ilustração; na guerra, uma muralha.”

Devemos recordar que estes primeiros séculos imperiais em Roma assistem a formação da Guarda Pretoriana em torno do *Princeps*, e que ela passou a ser um signo de civilidade para os chefes que se miravam no exemplo dos imperadores romanos (GONÇALVES, 1993: 199-206).

Sobre a existência de escravos e libertos entre os povos germânicos, Tácito enfatiza:

*“O senhor não recebe educação mais delicada do que o escravo, e que permita distingui-los; ambos passam a infância no meio dos mesmos rebanhos, a rolarem na terra, enquanto a idade não põe a parte o homem livre e a sua coragem não o faz se distinguir.” (Ibid. XX)*

*“Os jogos de azar são para eles (...) uma ocupação séria (...). O vencido vai espontaneamente entregar-se à escravidão (...). É costume desfazerem-se de escravos desta espécie por meio de trocas, para se libertarem da vergonha de semelhante vitória.” (Ibid. XXIV)*

*“Quanto aos escravos que têm outra origem, não são, como entre nós, repartidos pelos diferentes empregos do serviço das famílias. Cada um deles tem a sua casa, o seu lar doméstico, que governa a sua vontade. O senhor impõe-lhes, como exigiria a um rendeiro, uma renda moderada em trigo, gado ou roupa; as ocupações do escravo não vão mais longe; além das ocupações de que já falei, a esposa e os filhos do senhor ocupam-se dos trabalhos domésticos. (...) Os libertos não estão em geral acima dos escravos; raramente têm qualquer influência na casa, e não têm nenhuma no Estado, exceto entre os povos governados por reis. Ai, com efeito, elevam-se acima dos homens livres, e até acima dos nobres; em todas as outras partes a situação inferior dos libertos é a prova da existência de um regime de liberdade.” (Ibid. XXV)*

Deste modo, Tácito vê que a coragem e a covardia são os valores intrínsecos que diferenciam um homem livre de um homem escravizado. Além disso, ressalta que os escravos entre os germanos têm as condições de sobrevivência muito diferenciadas das garantidas pelos romanos. Em nossa opinião, os escravos germanos lembram muito os homens ligados ao colonato, os *coloni*, que apareceriam no Império Romano a partir do século IV (FINLEY, 1991: 129-156). Sabemos também que os romanos compravam em grande quantidade os escravos que os germanos lhes ofereciam, principalmente os advindos dos jogos de azar. Como coloca Finley

(1989: 181-190), as regiões do Mar Negro e do Danúbio forneceram a maior parte da mão-de-obra escrava romana, quando esta passou a ser comprada. Interessante também notar a questão dos libertos. O modo como os germanos lidam com eles é visto de forma positiva por Tácito, pois como detentor de *status* senatorial, ele não deveria ver com bons olhos o enorme poder político que alguns libertos apresentavam junto aos governantes dos primórdios do Império.

Para Tácito, a beleza estética fazia par com a beleza moral (KIVUILA-KIAKU, 1997: 830), e se identificava a característica dos estrangeiros em função de seus aspectos físicos, que eram influenciados pelo quadro natural de onde habitavam (SALMON, 1997: 69):

*"(...) Germânia, território horrível, com um clima dos mais rudes, onde a obra da natureza e a obra do homem inspiram tristeza (...)" (TÁCITO. Germânia II)*

*"Daí provém igualmente essa conformação física que apesar do número considerável de germanos é a mesma em todos eles: olhos azuis e selvagens, cabelo de um loiro ardente, corpos de elevada estatura, mas que só têm vigor para o primeiro ímpeto. Não sabem, como nós, resistir às fadigas e aos trabalhos pesados; não suportam a sede nem o calor; o seu clima e o seu solo habituaram-nos apenas a suportar o frio e a fome." (Ibid. IV)*

*"O solo, fértil em grão, recusa-se à cultura das árvores de fruto. O gado abunda, mas é quase sempre de pequena estatura, e mesmo os animais de trabalho não têm a corpulência dos nossos. (...) Os deuses — seria por bondade? Seria por cólera? Não me pronuncio — negaram-lhes a prata e o ouro. (...) São menos sensíveis do que nós aos atrativos da posse ou do uso destes metais." (Ibid. V)*

*"Embora permanecendo confinados no seu território, na margem direita do rio, os matitas estão conosco de alma e coração: semelhantes de resto aos batávios, com a diferença de que o seu solo e o seu clima tornam ainda mais ardente a sua coragem." (Ibid. XXIX)*

Os romanos se preocuparam em se definir por contraste com os povos bárbaros e de preservar a sua civilização assimilando-os, adquirindo um conhecimento razoável de seus costumes e de suas formas de agir e de pensar. Segundo Salmon (1997: 70), para o romano, o bárbaro não constitui uma espécie diferente, mas um estado inferior de homem, uma maneira de ser ainda defeituosa, inacabada, incompleta. O bárbaro está sujeito a mudanças e pode sempre evoluir; o acesso à *humanitas* é sempre possível. O etnocentrismo romano considera a *Urbs* o centro do mundo,

apresentando o melhor e mais temperado clima (SALMON, 1997: 80). Tácito por três vezes usa o termo “bárbaro” em sua narrativa:

*“Quase únicos entre os bárbaros, [os germanos] contentam-se com uma única mulher (...)” (Ibid. XVIII)*

*“Os outros bárbaros batem-se; os catos fazem a guerra.” (Ibid. XXX)*

*“É o que, como bárbaros que são, nem procuraram nem descobriram. Mais ainda: durante muito tempo o âmbar permaneceu abandonado no meio de tudo quanto o mar repele, até o dia em que o nosso amor pelo luxo lhe deu fama.” (Ibid. XLV)*

O âmbar junto com o estanho foram os produtos que os romanos mais compraram dos povos que eles denominaram de bárbaros (CAMPOS, 1946: 9). O termo bárbaro seria uma onomatopéia do termo sânscrito *barbara*, balbuciator, pessoa que fala de maneira ininteligível (*Ibid.*: 21). Já o termo *germanus* viria da língua celta e significaria homens da lança, devido ao fato dos germanos andarem permanentemente armados, como notou também Tácito (*Germânia* VI). À medida que vai descrevendo os povos germânicos do Ocidente para o Oriente, ou seja, afastando-se do *limes*, os conhecimentos de Tácito a respeito destes povos vai escasseando, tanto que acaba por mergulhar no próprio domínio da lenda para explicá-los:

*“Os peucinos, os vênedos, os fenos, são povos germânicos ou sármatos? — Eu não saberia dizê-lo.” (Ibid. XLVI)*

*“Tudo quanto se tem dito sobre outras populações é do domínio da fábula — por exemplo, que os helúsios e os oxiones teriam cabeça e figura humana, corpo e membros de animal. Como em parte alguma encontrei confirmação de tal coisa, deixo o problema por decidir.” (Ibid. XLVI)*

Tácito, enquanto romano, pretende descrever povos cujo padrão de vida era completamente diferente do de Roma. Os denominados bárbaros são sempre os diferentes, os outros; os que apresentam a *feritas* (a selva-geria), os que ignoram a noção de *iustum bellum*, pois preferem a pilhagem desordenada (*belli furor*):

*“A sua ordem de batalha tem a forma de uma cunha. Recuar, para em seguida voltar à carga, parece-lhes mais ato de tática do que de covardia.” (Ibid. VI)*

*"Os seus hábitos de independência têm o inconveniente de que, para não parecerem obedecer a qualquer ordem, não chegam todos ao mesmo tempo, e perdem dois ou três dias com a sua lentidão em reunir-se."* (Ibid. XI)

*"(...) Para os germanos, o repouso é uma coisa insuportável, e no meio dos perigos é mais fácil ganhar glória. De resto, não há outra forma de reter um número muito grande de companheiros além da pilhagem e da guerra; porque é da liberalidade do seu chefe que lhes provém o cavalo de batalha, a lança sangrenta e vitoriosa, de que se mostram tão orgulhosos; porque é a sua mesa largamente abastecida, embora sem requintes, que faz as vezes de soldo, e a fonte dessa munificência encontra-se no produto das batalhas e do saque. (...) Parece-lhes que há preguiça e covardia em ganhar com suor o que se pode conseguir com sangue."* (Ibid. XIV)

*"Se lhes encorajais a inclinação para a embriaguez, pondo-lhes ao alcance tanta bebida quanto desejem, tereis mais facilidade em vencê-los pelos vícios do que pelas armas."* (Ibid. XXIII)

*"Rodeados por um sem número de povos mais poderosos, não é na submissão mas nos combates e nos golpes de audácia que acham a sua segurança."* (Ibid. XL)

A imagem do bárbaro é construída como um não-romano, como o antônimo de civilizado. A maior diferença entre um civilizado e um bárbaro, nas palavras de Sinor (1957: 47-60), é a diferença em seus comportamentos. O bárbaro geraria a desordem e por isso deveria ser reordenado pela presença de um povo civilizado. Ele ameaçaria a ordem do mundo, gerando distúrbios no equilíbrio cósmico, segundo os romanos. Vê-se, por exemplo, como Tácito (Ibid. XLV) critica o fato de alguns povos germânicos terem mulheres como chefes, o que desequilibraria a família e o Estado: *"Os sítones (...) obedecem a uma mulher — tanto desceram não só abaixo da liberdade, mas mais baixo ainda do que a servidão."*

Como ressalta Dubuisson (Apud: SALMON, 1997: 81), os traços da personalidade e do caráter dos diferentes povos que os romanos julgaram dignos de interesse são, na realidade, aqueles que formam o inverso da imagem que Roma tem dela mesma. Os defeitos reprovados nos estrangeiros não são escolhidos ao acaso: são revelados apenas aqueles que constituem a antítese de uma virtude romana.

Todavia, os germanos também têm sua *virtus* própria e podem servir de exemplo para os romanos em algumas questões específicas, pois ainda apresentam qualidades de um estágio anterior, que foram, no dizer de Tácito, esquecidas pelos romanos no seu processo de civilização. Roma tende para a *aeternitas*, porém, deve olhar de perto aqueles que rodeiam

seu Império. Em alguns momentos, Tácito idealiza as poucas virtudes bárbaras, como que incentivando os romanos a segui-las. Ele olha para os germanos com admiração e respeito por apresentarem qualidades esquecidas entre seus concidadãos:

*"Na escolha dos seus reis, decidem segundo o nascimento e segundo a bravura dos chefes de guerra. Mas os reis não gozam de um poder sem limites; quanto aos chefes, comandam muito mais pelo exemplo do que pela autoridade e, se são intrépidos, se distinguem; se marcham na primeira fila, a admiração lhes garante a obediência."* (Ibid. VII)

*"Logo o rei, ou o chefe da tribo, segundo o que tem de idade, de nobreza, de ilustração guerreira ou de eloquência, se faz escutar, bem mais pelo ascendente da persuasão do que pela autoridade do comando."* (Ibid. XI)

*"Dão-se a cada um destes chefes cem assessores tirados do povo e que constituem para eles ao mesmo tempo um conselho e um elemento de autoridade."* (Ibid. XII)

*"No campo de batalha, é uma vergonha para o chefe que alguém o ultrapasse em valentia, e é uma vergonha para os companheiros não igualarem a bravura do chefe. (...) Os chefes combatem pela vitória, os companheiros pelo chefe."* (Ibid. XIV)

*"Lá, com efeito, ninguém se ri dos vícios; a corromper os outros ou a deixar-se corromper não chamam eles seguir os costumes do seu tempo."* (Ibid. XIX)

Esta visão construída do chefe germano está plenamente de acordo com as virtudes do imperador que Tácito gostaria de ver no comando do Império Romano. Um *princeps* digno deste título deveria ser bravo, valente, eloquente, nobre, generoso, além de possuir outras qualidades que o ajudassem a bem governar. Lembrando sempre que agrada aos súditos imitar seus chefes, em quem se espelham na hora de agir, um bom governante geraria um bom governo e espalharia bondade e benesses entre seus governados. Este tipo idealizado de governante também pode ser encontrado na análise dos *Anais* e das *Histórias* (KIVUULA-KIAKU, 1997: 841). Note-se inclusive que os chefes germanos deveriam contar com um grupo de cem assessores plenos de responsabilidades e de autoridade. Este conselho germano lembra muito o Senado em seus primórdios, onde os *patres* que o formavam tinham uma *auctoritas* inquestionável (GONÇALVES, 1998: 151-164).

Deve-se também mencionar outras virtudes dos germanos que podem servir de exemplo para os romanos. Os germanos possuem mulheres castas em cujas famílias os adultérios se apresentam raros (TÁCITO,

*Germânia* XIX); eles aprenderam que limitar o número de filhos ou dar morte aos que chegaram em último lugar é considerado uma ignomínia (*Ibid.* XIX); eles não se apressam a casar as jovens, pois esperam que de uma união equilibrada nasçam filhos fortes e bons cidadãos (*Ibid.* XX); eles oferecem generosamente a hospitalidade (*Ibid.* XXI); e desconhecem a usura (*Ibid.* XXVI).

Bem sabe Tácito que se deve conhecer bem os inimigos/vizinhos, suas fraquezas e suas virtudes, pois se deve sempre estar preparado para a guerra, para o necessário combate por hegemonias:

*"No meio de vizinhos agressivos e poderosos, é perigoso dar prova de instintos pacíficos; logo que a luta se trava, a fama de justo e de moderado fica para o mais forte."* (*Ibid.* XXXVI)

Os germanos são assim apresentados como bárbaros que apresentam algumas virtudes destacáveis. Já Sêneca, em *De Ira* 5,10 (Apud: CAMPOS, 1946: 97), bem antes que Tácito compusesse a sua *Germânia* já dizia:

*"Que há de mais enérgico que os germanos? — A estes corpos vigorosos, a estas almas que não conhecem os prazeres, o luxo e as riquezas, daí um pouco mais de tática e de disciplina; eu nada digo a mais: então, vós não podereis fazer-lhes frente, senão voltando às virtudes de vossos antepassados."*

Para Tácito, como para Sêneca, somente voltando ao *mos majorum*, aos valores morais dos antepassados, poderiam os romanos guardar suas fronteiras dos invasores, proteger realmente seu *limes*. Só se fortalecendo internamente se poderia evitar os perigos externos.

### **Documentação textual**

TÁCITO. *A Germânia*. trad. Adolfo C. Monteiro. Lisboa: Inquérito, s/d.  
\_\_\_\_\_. *Obras Menores*. trad. Agostinho da Silva. Lisboa: Horizonte, 1974.

### **Bibliografia**

- BOISSIER, G. *Tacite*. Paris: Hachette, s/d.  
CAMPOS, P.M. *Alguns Aspectos da Germânia Antiga através dos Autores Clássicos*. São Paulo: s/e., 1946.  
DEMOUGEOT, E. "Aux Frontières de l'Empire Romain". In: *Revue des Études Anciennes* 50 (3-4): 346-348, 1949.

- ISAAC, B. "The Meaning of the Terms *Limes* and *Limitanei*". In: *The Journal of Roman Studies* 80: 125-147, 1980.
- FINLEY, M. I. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- GONÇALVES, A. T. M. "As Relações Imperador/Guarda Pretoriana na Obra de Herodiano". In: *Clássica* 2: 199-206, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Os Senadores e a *Amicitia* Imperial no Período Severiano". In: *Revista de História* 6: 151-164, 1998.
- KIVUILA-KIAKU, J. M. "Causalité Historique et Philosophie de l'Histoire chez Tacite". In: *Latomus* 56 (4): 829-846, 1997.
- MILLAR, F. *El Imperio Romano y sus Pueblos Limitrofes*. Madrid: Siglo XXI, 1988.
- PELHAM, H. F. A "Chapter in Roman Frontier History". In: *Transactions of the Royal Historical Society* 20: 17-47, 1970.
- PITTS, L. F. "Relations between Rome and the Germans "Kings" on the Middle Danube in the first to fourth centuries A.D.". In: *The Journal of Roman Studies* 79: 45-58, 1989.
- SALMON, P. "À Propos du refus de la différence: l'Image des Peuples d'Asie Mineure à Rome". In: *Latomus* 56: 67-82, 1997.
- SILVA, A. "Introdução". In: TÁCITO. *Obras Menores*. Trad. Agostinho da Silva. Lisboa: Horizonte, 1974.
- SINOR, D. "The Barbarians". In: *Diogenes* 18: 47-60, 1957.
- THOMPSON, E. A. *The Early Germans*. New York: Oxford University Press, 1965.
- WHEELER, M. *Rome beyond the Imperial Frontiers*. London: G. Bell and Sons, 1954.